

Dança na Graduação: como produzimos e nos relacionamos com ela? Diálogo com o texto “Reflexões sobre o ensino de graduação em dança: repensando modos de atuação”, de Gladi Tridapalli

Jussara Sobreira Setenta* (UFBA)

GT Dança e Novas Tecnologias

Palavras-Chaves:

O interesse em discutir dança como área de conhecimento aparece na organização do texto “Reflexões sobre o ensino de graduação em dança: repensando modos de atuação” da mestranda em dança Gladis Tridapalli. O argumento se apresenta indicando que, por se tratar de um sistema complexo, a dança, e mais especificamente o modo como se ensina dança na graduação, necessita ser pensado/exercitado via procedimentos que estimulem múltiplas relações provocadas por experiências em propostas colaborativas de ação/atuação artístico-social-cultural.

Impossível conter a satisfação em comentar-debater acerca do assunto abordado no texto - ensino superior em dança. Isso decorre de uma prática acadêmica de quase 14 anos como professora universitária de dança que percebe a importância de se investir continuamente em discussões sobre essa abordagem. Entretanto, convém destacar que o exercício reflexivo proposto no texto tem sido feito desde a década de 50. Interessante destacar que o ensino de dança na condição de educação superior oficial se deu há quase 51 (cinquenta e um) anos, quando foi instalada a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia¹. Desde sua implantação, em 1956, a Escola de Dança não tinha com quem “trocar” informações a respeito do(s) modo(s) de ensinar dança. Durante 24 (vinte e quatro) anos, permaneceu como única unidade acadêmica de ensino superior no país².

Essa condição insólita não impediu que a unidade Escola de Dança realizasse discussões internas sobre seus modos de operação³. Ocorre que o espaço de discussão encontrava-se minimizado pela ausência de interlocutores do mesmo nível e de outros espaços de estudo

* Professora da Escola de Dança da Ufba na graduação e Pós-Graduação. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP); Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA); Especialista em Coreografia (Dança - UFBA); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Laboratório Co-Adaptativo (PPGDança-UFBA); Co-coordenadora do Grupo de Estudos Dança e Política (Dança - UFBA), dançarina, coreógrafa.

¹ A Escola de Dança foi integrada ao cenário universitário por ato legal, a partir de 16 de setembro de 1956. É possível saber mais sobre esse assunto em PINHEIRO, Juçara B.M. *Edgard Santos e a origem da Escola de Dança: a utopia de uma razão apaixonada*. Dissertação de Mestrado. Salvador: 1993; Biblioteca Central da UFBA.

² Em 1980 foram instaladas a faculdade de dança na UNICAMP – São Paulo e a Faculdade de Artes do Paraná em Curitiba. Outras faculdades e unidades universitárias foram criadas desde então. Recentemente foi instalado o Curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas.

³ A Escola de Dança em seu percurso acadêmico realizou três reformas curriculares. A última iniciou-se como projeto piloto em 2001 e oficializou-se em 2005. Desde então, disciplinas foram substituídas por módulos e laboratórios de estudo que são operacionalizados por no mínimo dois professores. Mais informações acessar www.danca.ufba.br e linkar o Projeto Político Pedagógico da Escola de Dança.

similares. Daí, questões que na atualidade se replicam são decorrentes de reflexões muito específicas desses assuntos estruturais para formação superior em dança. Então, são pertinentes as questões levantadas por Tridapalli e que se expõem desenhadas enquanto problemas: como o conhecimento é elaborado, gerado e experienciado na graduação? Algumas conexões são estabelecidas entre os conhecimentos?. E mais, na sua reflexão acerca de alternativas/modificações para a dinamização do ensino superior em dança em que pesem as concepções de teoria-prática; ensino-criação quando indica que “não são somente as reformulações de currículo que poderão atuar como geradoras de modificações[...]elas são fundamentais, no entanto, torna-se necessária a ação em rede entre todos os subsistemas que integram o ensino de graduação.”

Entende-se que as questões-problemas esboçadas no texto devem fazer parte das maneiras de organizar e fazer acontecer as ações de ensinar dança. Essas devem ainda, estar coligadas com procedimentos e encaminhamentos que se arranjam e rearranjam a partir de acontecimentos pertinentes ao processo de constituição de cada curso. Ou seja, não existe um modelo fixo de como ensinar dança em nível superior. O que existe são propostas-experimentos apresentadas, ao longo do tempo, às comunidades de estudantes que têm oportunidade de experienciá-las. Acredita-se que os fazeres institucionais (estudantes, e professores) na formação superior em dança possam funcionar co - evolutivamente.

Assim sendo, o conhecimento especializado exercitado na educação superior em dança tende a se dar privilegiando ações pedagógicas que trabalhem realizando múltiplas relações entre instâncias corporais, textuais e contextuais. Ainda, pode produzir conjuntos de relações que priorizem o convívio possível com as diferenças que se apresentam em qualquer processo de construção de conhecimento. Trazer para discussão artístico-pedagógica idéias de contradição, incerteza, instabilidade, coincidência, irreversibilidade, circunstacialidade, complexidade, pode colaborar para o exercício de como ensinar dança na graduação.

Deste modo, vale ressaltar a proposta de ação/atuação do texto em comentário que indica a "necessidade de ação em rede; ação em pesquisa colaborativa: pesquisa como procedimento metodológico que aparece como um conhecimento em relação e que emerge das relações e conexões que são estabelecidas e partilhadas no ambiente". Parece que esse modo de operar pode viabilizar estudos investigativos mais interessados nas singularidades em vez de universalidades. Ações-exercícios que privilegiam a atenção às múltiplas conexões que ocorrem no decorrer dos processos e que põe estudantes e professores em contato com informações corporais, sociais, culturais, políticas que não se excluem, mas que co-existem num mesmo espaço de

operacionalização, provocando encaminhamentos e recepções desestabilizadoras e instigadoras. O que se pode pretender mais que essa provocação?

Arrisco aqui uma possibilidade de resposta: pretender ampliar o espaço de estudo da graduação para a pós-graduação. E isso, já é possível na área de Dança. Considera-se que olhar para o ensino de graduação em dança com a lente da pós-graduação, também em dança, permita uma operacionalização de procedimentos pedagógicos prospectivos e entretecidos. A instalação do primeiro Mestrado⁴ em Dança do Brasil pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, se apresenta como espaço propício para exercícios provocativos à múltiplas inquietações. A produção de informações geradas nesse ambiente e constituídas sob a perspectiva da produção de dança como área de conhecimento indica a existência de trilhas investigativas que começam a ser abertas já na graduação em dança. Desse modo, é possível tratar de questões antes consideradas “inquestionáveis” como o trânsito de práticas e teorias, técnica e criação, arte e ciência, sem a preocupação de estar fomentando processos que “perderiam força” ou seriam “finalizados” na colação de grau.

De movimento em movimento, co-evolutivamente, é possível deixar a Graduação em Dança e seguir para o Mestrado em Dança e, ainda, para o Doutorado em Dança⁵. As discussões vão ganhando força, disseminando-se e contaminando muitos e outros fazeres. Acompanhando o modo de pensar de Tridapalli, “o ensino da dança ganha uma qualidade co-evolutiva e também auto-organizativa [...] a autonomia – como internalização de informações - é a do sistema como um todo [...] o ilimitado poder que elas têm de reprodução e contaminação em outros ambientes”, pode-se aguardar que desses/nesses procedimentos investigativos vão emergir problemas diversos e distintos. Aqueles que não irão se por em estado de acomodação, mas de intensa reorganização de como se dá atuação de ensinar dança na graduação.

Que bom que temos problemas!

E, ainda, que bom que podemos exercitar possíveis soluções!

⁴ O Mestrado em Dança foi instalado em 2005 e iniciou suas atividades acadêmicas em 2006 com 6 (seis) mestrandos. Atualmente conta com mais 18 (dezoito) estudantes totalizando 27 (vinte e sete) ações em rede para produção da Dança como área de Conhecimento. Mais informações sobre o mestrado acessar o site www.danca.ufba.br, linkar pós-graduação.

⁵ A proposta do Curso de Doutorado foi apresentada em janeiro de 2007 à Câmara de Ensino e Pós-Graduação da UFBA, onde foi aprovada e, agora o processo tramita na CAPES para certificação.